PROJETO DE LEI Nº 268/2022

Dispões sobre a mudança de nome da Avenida Castelo Branco para Avenida Clementino Rodrigues - Riachão.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

DECRETA:

Art. 1º. Fica alterado o nome da Avenida Castelo Branco para Avenida Clementino Rodrigues - Riachão no trecho compreendido entre a Rua xxxxx até a Rua xxxxx, que passa a se chamar Avenida Clementino Rodrigues - Riachão.

Parágrafo único: A planta de localização do logradouro integra o corpo desta Lei.

Art. 2º. As despesas decorrentes da presente Lei correrão por conta da verba própria do orçamento vigente.

Art. 3º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Salvador, 14 de novembro de 2022.

MARCELO MAIA
VEREADOR

JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Lei visa substituir o nome da Avenida Castelo Branco, localizada no bairro de Nazaré, por Avenida Clementino Rodrigues - Riachão, em homenagem ao brilhante sambista, cantor e compositor baiano que faleceu no dia 30 de março de 2020, de causas naturais.

Nascido dia 14 de novembro de 1921, no bairro do Garcia, em Salvador, Clementino Rodrigues, popularmente conhecido como Riachão, cantava desde os 9 anos de idade em serenatas ou nas batucadas em latas d'água do bairro do Garcia. A sua primeira composição veio aos 12 anos, um samba sem título que dizia: "Eu seu que sou moleque, eu sei / conheço o meu proceder / deixe o dia raiar que a minha turma é boa para batucar".

Em 1944, aos 23 anos, ingressou na rádio sociedade, onde cantou com um trio vocal no programa de auditório 'Show Pindorama', da emissora de rádio Sociedade AM. O trio de Riachão interpretava de serestas a toadas sertanejas. Em pouco tempo Riachão rompeu com o trio e passou a se apresentar sozinho – queria, na verdade, se dedicar apenas ao samba, sob forte inspiração de Dorival Caymmi. Depois de Caymmi, por sinal, Riachão foi o primeiro compositor baiano a gravar no Rio de Janeiro, ainda na década de 50. As músicas foram 'Meu Patrão', 'Saia' e 'Judas Traidor', todas gravadas por Jackson do Pandeiro.

Seu modo peculiar de compor tem características de crônica. Em suas letras, quase sempre irreverentes, desfila o povo baiano da antiga Salvador, com suas baianas de acarajé, seus malandros de terno branco e seus capoeiras atrevidos.

Ele opta por seguir o caminho do samba irreverente, compondo sambas bem-humorados como 'Retrato da Bahia' e 'Bochechuda e Papuda', ganhando o Troféu Gonzaga com essas

músicas. Mais tarde, foi gravado pelo cantor Eraldo Oliveira (‘A Nega não quer Nada’) e pela cantora Marinês (‘Terra Santa’).

Entre 1948 e 1959, Riachão compôs pérolas como ‘A Morte do Motorista da Praça da Sé’, ‘A Tartaruga’, ‘Visita da Rainha Elisabeth’ e ‘Incêndio no Mercado Modelo’, verdadeiras crônicas, escritas em linguagem popular e direta. Na década de 60, um fato inusitado acabou virando samba: uma baleia chamada ‘Moby Dicky’ veio ser exposta para visitação pública na Praça da Sé, causando imenso furor entre as crianças. Com o olhar do cronista, Riachão compôs a ‘Umbigada da Baleia’. O senso quase jornalístico de Riachão também pode ser conferido no samba ‘A Morte do Alfaiate’, também dessa época.

Apesar de reconhecido pela crítica e por grandes artistas da MPB, Riachão não conseguia se inserir no mercado. Os shows eram raros e eram poucos os registros fonográficos. Por iniciativa de Paulo Lima e da gravadora Philips, em 75 ele grava um álbum reunindo a nata do samba baiano. O ‘Samba da Bahia’ traz, além de Riachão, os sambistas Batatinha e Panela. Entre os sambas gravados se destacam ‘Pitada de Tabaco’, ‘Ousado é Mosquito’ e ‘Até Amanhã’.

Em 1972, Caetano Veloso e Gilberto Gil voltam do exílio em Londres. Em Salvador, pretendem escolher a música de um compositor baiano para marcar sua volta ao mercado fonográfico nacional. A escolhida foi ‘Cada Macaco no seu Galho’, de Riachão, que estourou nas rádios do País. Nos anos de chumbo da Ditadura Militar, Riachão tem um samba proibido pela Censura. A música se chamava ‘Barriga Vazia’ e a letra falava da fome: ‘Eu, de fome, vou morrer primeiro / você, de barriga, também vai morrer um dia’. A notícia da censura corre a cidade e, num show, no ICBA, em 1976, a plateia universitária exige que Riachão a cante. O público pede com tanto entusiasmo que os músicos começam a executá-la e Riachão se vê obrigado a cantar o samba, fato que repercutiu na imprensa como uma ‘provocação’ do sambista aos militares.

Em 1973 grava o álbum ‘Sonho de Malandro’, patrocinado pelo Desenbanco em comemoração aos 15 anos da empresa onde trabalhava desde 71. No disco, predominam os sambas maliciosos que também identificam a sua obra, temperados com metais, acordeom, flauta, coro de pastoras e até um regional de choro. Destacam-se as faixas ‘Quando o Galo Cantou’ e ‘Eu também Quero’, que relata o aparecimento do tíqueterefeição: ‘Essa turma que trabalha muito cedo/ vem a fome que faz medo/ e faz a barriga roncar/ vai no caixa compra tique/ pega tique/ leva o tique/ dá o tique/ para poder almoçar’. O disco, porém, não emplaca, vende pouco, é mal divulgado. E Riachão cai num relativo ostracismo artístico, se apresentando apenas para plateias universitárias, no Rio de Janeiro.

Depois de quase 20 anos, Riachão grava um CD somente em 2001, onde o sambista divide as faixas com nomes como Caetano Veloso (Vá Morar com o Diabo) e Dona Ivone Lara (Até Amanhã), entre outros. Todos os seus maiores sucessos são registrados.

Em janeiro de 2008, Riachão perdeu em um trágico acidente de carro no Rio de Janeiro, a sua esposa, filha e genro, fato que o deixou em estado de choque e o fez perder um pouco daquela alegria, marca da sua personalidade.

No ano de 2017 prestou depoimento na série “Depoimentos para a Posteridade”, do MIS (Museu da Imagem e Som do Rio de Janeiro), na sede da Praça XV.

Riachão morreu na madrugada do dia 30 de março da 2020, aos 98 anos, de causas naturais.

Diante de toda a importância de Clementino Rodrigues - Riachão para a arte e a cultura baiana torna-se necessária e justa a homenagem com a denominação de uma das principais avenidas da nossa cidade. Aproveitando que é atual e indiscutível o movimento de rebatismo dos logradouros que possuem nomes de pessoas ligadas a escravidão, a ditadores ou relacionadas a tortura como também ao período do regime militar.

A Avenida Castelo Branco, que se inicia após o túnel Américo Simas e vai até o início da Avenida Mário Leal Ferreira, carrega o nome do Marechal Humberto de Alencar Castello

Branco, o 26º Presidente do Brasil, o primeiro do período da Ditadura Militar, tendo sido um dos articuladores do Golpe de 1964. Traz na sua carreira política marcas significativas como implantação do bipartidarismo, os quatro primeiros Atos Institucionais, fechamento do Congresso Nacional, Lei de Segurança nacional e Lei de Imprensa. Elementos esses que tornaram da Ditadura Militar o momento mais tenebroso da história do Brasil.

Desse modo, pelas razões apresentadas, e considerando a relevância da matéria e interesse público é que está Casa faz uma justa homenagem e reconhecimento a esse grande artista e ao seu legado deixado, é que espero contar com o apoio dos nobres pares para a aprovação deste Projeto de Lei.

Salvador, 14 de novembro de 2022.

MARCELO MAIA
VEREADOR